

uma câmara-dançarina-excriptora

Luís Serguilha¹

Uma **CÂMARA** *aposseimática* em dismorphose pura se transverte na interrogação de si, testemunha a oscilação de uma dançarina críptica, ultrapassa-se carregada de lápias, persegue infinitos pontos, fende fundos lisos e texturizados, excepciona-se peristalticamente, transborda cromatóforos, absorve escombros, úlceras e brechas de uma dança de latências com múltiplas dimensões do esquecimento, do impensável e da devoração: há defluências de hifais e semidouros em espiral: às vezes, um dente de cadela reluz nos minerais carbonatados da carstificação: uma camuflagem em movimento calcário e um fluxo óptico evidenciam flores de aragonita: ao cimo, uma libélula anax exsuda-se e avoluma-se imovelmente: uma câmara-géstica arrasta outra câmara-dança para o fundo rugoso do fundo de um hiato assombroso onde um salto carregado de restos, de resíduos, de falhas intemperísticas e de arquivos sísmicos se torna golfada da eternidade dentro de um embornal: uma dor inexprimível a escarificar epidermes e algumas ruínas ainda com algumas drenagens racemosas, ardem: uma **CÂMARA-lahar** entre e dentro de **CÂMARAS-saltos** num só olho-dançarino que se dilata e multiplica por meio de forças catalíticas, exuviais, autotróficas e latifoliadas: dizem: fricções micélicas, tessituras intermitentes, êxtases plásticos e camadas de detalhes do esquecimento a jusante e pelo arrimo acima: uma câmara-LAHAR *recomeça fora dos desígnios*, pensa nuances e manchas dos esbarros do próprio LAHAR, fazendo arejamentos no olho-géstico e conectivo já-dentro da dança da matéria, espessurando-a através de camadas ancestrais a atritar uma *evasão* do todo-anastomosado: aqui-agora: um salto-câmara avulta-se com vozes anómalas entranhadas no silêncio mais íntimo do inalcançável: dizem: uma dança dentro da treliça matérica dissolve-se e drena-se por meio da desumanização e de inscrições imprevistas das heterocromias onde os sentidos endorreicos e centrípetos se exilam no sangramento placentário: gritar contra espeleotemas e quase submergido em dolinas: dizem: gritar dentro da respiração da memória indecifrável e de zonas vadosas: um grito arreico: uma matéria incita-se, escava-se, funde-se, envolve-se e emaranha-se nas durações fragmentárias, reverberando rasgaduras coraloides: uma consciência-câmara-salto atinge a ondulação alucinatória e disseminadora rés ao eco da morte, jorrando sobre um estendedouro de purificações: ao

¹ Luís Serguilha, poeta, ensaísta.

lado: uma ampulheta de vácuo reluz defronte às sedas metalino-cróceas da crisalidação em torno de rochas solúveis e de tépalas: dizem: uma dançarina com taturanas nos gestos escorpioides passa o linho pelo sedeiro: imagens vesículo-arbusculares dançam a trama do silêncio na auscultação da pungência sedimentar e brotam no vazio suberoso do salto, criando sintomas-écrans e rastos de tempos extemporâneos dentro do desconhecido: **SALTOS-câmaras-micorrízicas** religam rasgos de corpos em qualquer ponto materializado do salto diante de lugares inabitáveis e estranhamente com umbelas amarelo-rosadas: células corticais relumbram: há fissuras sonoras e autotômicas, há prodígios enlaçados no vazio em percolação, há ruínas de rostos lacerados, há contiguidades de vozes-corporais, encadeamentos de visões-auditivas, gretas de sentidos dos adventos sem destinatários, há intervalos de uma visão a convulsionar, há alturas rítmicas à volta de funículos carnosos, há timbres originários em turgescência e cortagens primitivas e sagradas por dentro da carste ininterrupta de uma dançarina: há girassóis hipotensos a queimarem-se pelos respiros dos seus rebentos, há um elefante a detectar uma opala de fogo, há formigas a permutar odores incessantemente, há morcegos a orquestrar ecos perseguindo mariposas atlas-gigantes, olhos de coruja, mandruvás e erucismos: há um canto trissilábico-do-bem-te-vi-rajado e de asa-ferrugínea, há carrapatos-marrons na orelha de capivara a seleccionar luzes para seus suicídios, há desvios axilares, tremuras helicoidais e opacidades nas partículas porosas do salto de uma **reminiscência-futurível** onde uma palavra dolomítica lasca-se e uma voz arreica faz deslizar dentro de si vozes encilhadas que se recriam ao enviar ressonâncias das gambiarras de ar à volta de uma traçadura do acaso: **CÂMARA-salto** se torna um entre-metabólico-cinematógrafo a refazer a própria córnea defronte à monstruosa expurgação: uma vidência, uma dor, uma ocultação que faz mudar, uma entrada celular, uma oralidade performática, uma imagem em movimento sobrehumano, migrador, maquínico e animalizante a dançar as simultaneidades indescritíveis da carne-viva através do excesso, do sombrio, do diáfano, do risco e do inconsciente: **ao redor: arilos plasmolizam: uma câmara-olhante se torna sorvedouro espiritual do grito-insonoro a assimilar imagens por acontecer abissalmente: por baixo: crassuláceas vermelho-alaranjadas e uma voz-táctil murmurante contornam a precisão dos agulheiros a escoriar resquícios de hulhas e de áscuas: noutro ângulo: a carne iça seus silêncios e repercute nos escombros originários, um gesto recomeça cheios de estípulas e alguns cantos diplofónicos embatem nas brácteas: uma CÂMARA dança a partir das ciências ópticas onde uma gota pinga de uma estalactite: há ritualizações das palavras nas rendas dos Bodenlos: um travo de uvalas: nas artes do imprevisível desponta uma subsidência: uma câmara-salto amplia e entrelaça saltos ínfimos e inusitados com os extremos de um todo-**

aberto-ao-avesso que escuta a meteorização dos estômatos: dançar o retorno da desmesura, da gênese, do único e das divergências com uma **microfiltração micelial a ritmizar-se delirantemente, dando bastidão e compostagem freática à exsurgência-géstica**: dançar o rasgo mutante do tempo a ecoar suas larvas nas forças do instante aiônico e uma incarnação sanguínea emancipa-se ao prolongar vilosidades espélhicas do seu interior: **CÂMARA-SALTO** a resvalar no próprio intemperismo, a sugar metamorfoses evasivas e gritos inscritos na mudez vibrátil das azulejarias: uma câmara-salto além do movimento de um corpo de restos metalíferos, sendo também passagem anômala, desvio do imperceptível e vazio por pulsar nas traduções coexistentes dos gestos: gestos com microdecomposições transportam sopros em fracasso germinativo e poros ampliados do tempo em quase-desaparição e um olhar com rebaixamentos lentos faz da visiva mais ífera uma **tomada instantânea do espírito** e uma dádiva caleidoscópica: câmaras-esporângios dos corpos em mineração mosaicista e os gestos arrebatados escavam o espaço inacessível e quiasmático, nomadizando-se dentro da própria carnagem: uma câmara-salto escora uma visão sonora em demudança de cima para baixo, debaixo para cima, lado a lado, esguelhando-se ao extrair levantes feiticeiros, engrenagens glossolalaicas e jogos de sons nasais diante de uma rizosfera de sombras turbulentas: **uma câmara-salto espeda um olhar cruel da dança que a cria por meio do gesto inomeável da lucidez a expirar sulcos do intangível, tornando-se falhamento no obscuro rés a um corimbo revestido e repuxado por pespontos de gemas nobres e preciosas em losango: há uma indefinição na câmara-gesto-salto a dançar as lenticelas do inescrito e o estorno nos atritos temporais que se diferem entre exílios, sirgagens e acessos ao real sísmico**: há ressonâncias em súmulas de línguas patológicas e lúdicas a irromper acrescentadas de um fundo-em-dissolução-grelada, de um rasgo-acervo, de um espírito de eufórbias rosa-amareladas e voltaicas: dizem: um espírito herbáceo, mecânico e vibrátil, um espírito lenhoso e cristalino a pulsar nos gomos e nos brotos dos talismãs, um espírito enérgico do idioma quase-em-extinção e simultaneamente a escapar diante da câmara-géstica sempre em rebento-de-obra, perseguindo rastos nérvicos da dançarina até atingir um gigantesco umbráculo de bacantes, hécates e valquírias: saltos-câmaras a exceder, galgar, fissurar, alterar formas com caatingas, mangues, pampas, cerrados do desconhecido e do anômalo em crosta: **o vazio faz pulsar opérculos-apoastros do real**: dançarinas estonteantes e suberinas friccionam-se concomitantemente à volta de leques fonéticos e de manchas alcalinas insaciáveis a infiltrarem-se nas misturas alucinatórias, na miscigenação de rupturas temporais, nas hibridações dos sintomas, nos caldeamentos larvares onde uma visão desaparece, se inerva e recomeça com choques dos enigmas da câmara-salto e escolhe a sua demudança na própria ruína em ricochete turvamente

esponjoso: um salto-câmara é já um sigilo em vazadura, um despejo da confiança e uma intimidade cruel sob a duração géstica da dançarina a levantar-se pelas imagens da cavitação do absoluto, do infinito, buscando dispersões anímicas, cortes velozes, lentos e compostos que se devolvem aos cenotes com gigantescas cascas vítreas, estendendo visões dilatadas por dentro do sense-nonsense: uma dançarina-cinerama a embater em sínteses guturais e ruidistas enlaçadas ao tempo relampagueante dentro do sombrio e em torno de colossais cactos com bagas vermelhas: por vezes, um ápice solar, um atrito de manto, uma zona de radiação à volta de redes difractivas, outras vezes, nuvens moleculares, linhas eclípticas e manchas convectivas junto aos ciátios de um olhar-animal que impulsionam o salto-câmara para uma profanação dos deuses em fuga cheios de espiguetas: há saltos-câmaras-espiritualizados pelo ecdise inerente aos **sintomas-caóticos** com tendências mutantes aceleradas pela retardação cubista e quase semiótica de um crime diante do ilegível e do accidental: um salto-câmara varia, diverge, livra e emancipa sua matéria, estremece nas palavras desconhecidas, hesita com glomérulos, vacila com espargimentos rápidos e neologismos em raque para a frente e para trás, para cima e para baixo, transcende-se, faz liça e contenda com Deus, rasga periferias com gradações, absorve assombros resplandecentes, fluxos rebrilhantes e plenos de texturas temporais, inacabando-se: uma câmara-salto no golpe suculento e na devastação tuberosa a germinar por dentro da fome, da dor, das ulcerações e com sons de fala, gestos instrumentais, morfêmicos, não-morfêmicos e antropofágicos, esgota-se, irradia e vive ineditamente com um brinco-de-princesa no extremo de uma angulação a bater nas contracções térmicas: um espírito-salto-cinético com luzes arrancadas aos gestos da dançarina, explodindo e improvisando aberrações e anomalias fora de partituras, outras vezes, com partituras de ócios cheias de povoamentos desconhecidos e mudanças de pele saturadas de plurifloras e de fluxos dúcteis: dizem: um espírito-salto com epidermes a divulsionar enzimaticamente uma procutícula em necrose: um espírito-salto a fazer do respiro exuvial sua desertificação, sua muda vascular, sua queda espinhosa, sua anamorfose firme e elástica e seu ofício anômalo gerador de tempo: um espírito-salto a dançar-se a si-mesmo com tonalidades, matizes, degradês, entretons e modulações de gestos-insonoros entre vedores de uma dança-multi-voz que deglutem sombras de palavras justapostas, crueldades, indefinições, ameaças e riscos a propagarem-se pelo espaço-corpo-expressivo em composição anónima: **uma câmara-salto a dançar uma dobra luminosa em venação peninérvea entre rascunhos intersticiais e porosos da matéria: dançar o ínterim histórico do inapreensível entre células, géneses, sintomas e deformações em adivinhação apomórfica: dançar o interregno delirante entre moléculas e uma visão em tear-jacquard:**

despontam bordados auríferos, rútilos e micantes impregnados na costura-matelassê: uma visão por vezes, nunca averigua, confessa, identifica, recompensa e se exsurge por dentro de uma rede dendrítica: uma animalidade fúlgida a deformar-se espontaneamente através de prismas do impossível, de pontos de vista criptorreicos, de ângulos matemáticos, de ópticas em tresvario e de enfoques desmedidos onde uma câmara-salto se torna entrelace delirantemente escópico: **um espírito-animal nutre-se da câmara-salto em arrebatamento para extrair feixes do fundo da matéria da dançarina, acrescentando movimentos anorgânicos, racimos inumanos, suspensões angulosas e geometrias oblíquas onde um olho rasga os gestos em jogo e atinge o indecifrável e o suprassensível entre imagens múltiplas de um instante cristalino: aqui-agora: cada gesto-câmara todifica-se em cada PONOR, em cada átimo-flagrante-do-salto-vocalizado-sonoro-e-visual, subvertendo, flutuando por dentro de uma descomunal voz a retornar fendida pelos extremos do silêncio de uma inflorescência:** um acontecimento-grito brota nos limites silenciosos, rasga algares e átrios com ecos nodulares que sugam o som irrefreável, levantando uma voz carregada de vazios de palavras contra o cavum de uma gorja: dizem: cissura a ressoar no rosto acósmico onde o grito cárneo se faz fala-cruel por meio de respiros mutantes, deslizando em sons de subducção por escutar: há uma divulsão entre linguagem e voz a dilacerar-se no rosto ininteligível e inabitável ao procurar uma geografia sempre por irromper, silenciando-se dentro dos próprios murmúrios rés ao nervo-abísico, à desapareição e à morte: uma câmara-salto se transverte na escuta-géstica aprofundada pelas afluências-convulsivas de fotogramas, de lentes modeladoras, de poros, de respiráculos, de estomas, de intermezzos e de ritmologias que atacam as palavras por meio de uma visão com brocados e choques de imagens em esquivança: dizem: avolumar crassidades de uma voz insonora a tentar perfurar palavras inescritas, estranhando qualquer sentido: alcançar o anômalo e o anónimo entre vozes e esporos do impossível com coalescências do infinito onde grito e excripta se atritam no inabitual inactualizado a ondular na rasgadura constelar da percepção e uma batida da voz-fala se torna **Sanbanyi**: uma oralidade-vocal-câmara entra na marchetaria do espírito da matéria e deflagra-se na própria interrogação-em- tessela através de um salto-queda-de-areia-azulejada a resvalar intermitentemente entre tambás, tornando gestos-da-visão numa montagem desconcertante e alucinógena: dizem: cineastas-dançarinas do olho-do-assombro-do-vórtice-e-da-voragem e da ínfima tensão telescópica do colossal a rasgar uma consciência moebianamente e a impelir encontros atemporais e irresolutos à volta dos cruzamentos do grito plenos de rastos de um real irrefreável: há uma geometria projectiva a restituir o vazio ao delírio e um estoma-nó vibra na devoração do olho: há um rascunho do grito no

olho-câmara da voz-ruptura-da-palavra em tragação: por vezes, uma palavra desvia-se violentamente da voz e cria uma cisão inexpressável na fala, repercutindo vestígios do silêncio abíssico: há um olho-fendido por equívocos em reverberação, há uma voz-corporal com múltiplas torceduras, há um gesto psicodélico a molecularizar-se entre rajadas de cicatrizações ancestrais e em prole: uma câmara-salto arranca tempo do impensável a enlouquecer deuses entre o inacabado, o interstício e o informe, inconscientemente: uma câmara-salto sublunar-aperiódica e barrocamemente gótica a imprimir uma visão crostal no incógnito: dançar a extremidade verbi-vocal do relâmpago transcendente e um eco tenta dizer no inesgotável de uma mão-vitilgada em estiramento: um olho pervaga desviado da voz a separar-se da boca, tornando-se nervo-sanguíneo flutuante e intuitivo: dançar o tumultuoso das anamneses do insensível e das mudanças puras do único por dentro das tendências intrincadas do esquecimento: dizem: levar o gesto-salto para um real-tensionado pelo imemorial a enovelar-se na dor e na de-composição minuciosa do espírito: visões intermitentes, signos insonoros, ciências em decodificação e artes intempestivas dentro de uma cosmicidade intuitiva das herbolárias-dançarinas onde o respiro genético é já demudança cristalina, é revestimento de pontos críticos: por vezes, náuseas, risos, caos, ânsias, cóleras e curas na sismografia da visão inomeável: câmaras-gestos-saltos em desmanche subtil, audível, silencioso e desruído, espalham-se e simultaneamente se sincronizam com uma miríade de planos conceptuais à volta de tendências falseadoras, de trajectórias instantâneas, de ruínas eternas e de nuances das maneiras de dançar signos botânicos, outras vezes, hápticos: ao lado de um abatimento ferropénico há uma erupção cutânea de deus: **há camadas de bolor a invocar arcos viscerais e um arcobotante aspira tatuagens da carne fresca e expande-se com a rudeza dos justilhos geológicos a emurhecer nas cadeias de ossículos e nas malhas almiscaradas por oscilações de ar: lâminas compridas estalam no osso à flor de uma brasa com vereditos salientes selados pelos calos do magarefe cheios de garavatos em recrudescência sobre o desespero a escapar cruelmente ao palato de uma liturgia e desfolha fenestras de um rosto até atingir uma acuracidade: há septos e patas a esquivarem-se da vasa e do caulim para decalcar a eutimia escamífera dos mapas até ao resto do fel mais túrbido, por vezes, uma pluma acetosa e mordaz tempera-se com a bolçada insectívora entre ossos em desapareição e um estopim de excremento das aves ainda fresco pulsa nos gestos a trair cobertas atmosféricas até verter estilhas apócrifas sobre uma fornalha de devolutas: dizem: dançar por detrás das cabeças dos répteis, das fleumas das lascas e absorver buracos quase simétricos em cima e abaixo dos ossos orbitais até ao reverso da trajetória, do alcance e da bússola do olho a incestuar-se diante do**

disparador da cegueira: dançar varreduras e escopos das caligrafias com unhas picadas e moídas entre fimbrias nucleares e esputações arteriais onde suturas rígidas e dentadas das luxúrias descoram contra matrizes de pulsos em sangue, às vezes, espelham sinartroses e meninges aracnoides com idiomas agudos pelo brasido a fora, outras vezes, rosáceas em torno dos calcanhares fendem-se ao estercar lóbulos já maculados pelo cio inteiro dos labros e das apófises: dançar com garranchos e chamiços nas coanas a subir pelo crânio sinápsido e a descer pelos espinhos das mandíbulas, tangendo seixos parietais com fraldas ralas de resina por meio de destrezas de epitélios em combustão que ainda suportam oblações da gravidade e dobradiças anfiestílicas do grito pela boca dentro: dizem: pálpebras do esquecimento britadas por alfabetos de colos ancestrais e rápidas barbatanas do terror levam enxofres para o peso do rodas do crime onde cascalhos ardem contra socacos lubrificos em desfibracão vertiginosa: outros dizem: uma argola da vasteza-géstica a jorrar zagaia de linho pigmentado, herbáceas aneladas e vergéis do espasmo sobre o aconchego das oficinas dos bichos que consagra os gestos da dançarina numa só gota a perder-se na própria firmeza e incisividade em forma de forquilha da inocência: por baixo: cordofones e ciniras sugam o sono dos nómadas: **uma dançarina na rectaguarda de uma órbita-histórica se transmuta em lambda** cálda: gestos-câmaras diacrónicos-ondulatórios e abertos à experimentação do vazio a sintetizar-se no ritmo vacuolizado e a ecoar-se nos refrões-saltos da lucidez onde imagens duram e se renovam ao se transmutar de afecto em afecto dos mantos abaixo de lâminas de outro afecto acósmico entre ludicidades vocais, mímicas, antecessoras e simultâneas: há uma dor por baixo do pé nas esporas a meteorizar uma queda agudamente cristalina à volta de um côdea aquecida pela putrescência: dançar o instinto da carnagem e a germinação febril com o esgotamento do sublime: há danças-gestos-intensivos no devir-salto-estilizado pela repetição plástica de uma magicatura sensórea: um gesto-câmara a envolver-se nos labirintos da loucura, da morbidez, das impurezas, das blasfêmias, dos vícios, das apostasias, dos suicídios, das fúrias e das gangrenas: um respiro vacila e se consagra cruelmente diante do seu fracasso, do seu cadáver, da sua enfermidade e da sua rebentação germinal: um gesto-câmara a impregnar-se na galeria-todificada que se espelha na correnteza de cada poro da dançarina a expressar sua duração através de re-composições expansivas-contratantes: uma voz-géstica entra e sai da excriptura da matéria até atingir o traço e o rastro do assombro a esculpir eternidade: por vezes, um espasmo de sombras revelam o suor do esgotamento do horror diante do peculiar e do genuíno, abortando qualquer encarnação do encómio: **uma câmara-salto a ver-se pelo olhar da pele e da ossatura cruelmente dançante que vem contra si, desumanizando-se:** movimentos ignotos e resvalos sígnicos a emanciparem-se da

matéria e do fundo do tempo, vibrando imagetivamente entre corpo-voz e olho-salto-câmara: há um sorvedouro de cintilâncias e de zonas foliáceas de um instante infinito a espessurar a tradução possível do vazio, da itinerância, do ignoto e da vigília: aqui-agora: um **SALTO DANÇARIZA-SE**, se torna em autossuficiência cósmica, alforriando-se entre escombros mesclados, vestígios multifários, restos simultaneístas e limiares amorfos a libertar gestos-movimentos dos corpos da dançarina pelo lapso deambulante de um turbilhão: dizem: uma dança de hesitações de saltos entre uma estranheza acentrada e o ressoo de um risco acósmico onde uma palavra-olhante se intervala e se interrompe através da sua própria fissura em distensão devoradora: um salto-gesto-atômico com velocidades infinitas **do olho que se olha-olhando** pelo tecimento do vazio e pelas inexploradas perfuratrizes: um instante se esfacela e se plenifica diante de uma voz a transmutar-se em tempo e a trazer o silêncio do excesso do espaço para uma espera, um risco, uma assimetria, uma prece do indefinível e do outro que se obscuriza na travessia já ambígua da câmara-dança em soerguimento tectónico: **um salto-câmara a livrar-se do próprio corpo, reconstruindo-o com durações simultâneas de vozes-sons-ecoantes onde géneses-gésticas escavam, modulam e religam movimentos puros através de mudanças de um aberto infimamente dilatado pelas remontagens em emancipação porosa**: aqui-agora: uma dançarina antecipa o salto defronte ao desconhecido, do terror e da impossibilidade, repetindo-se e escuta-se através de respiráculos em camadas plissadas e justapostas que se agitam independentemente das mãos-pés-vísceras-articulações a inventar tempo entre efeitos isostáticos: gestos sintetizam, inquietam-se, alargam-se, desvairam-se, andejam, centuplicam-se e resvalam como respiros contraentes a esculpir idiomas estranhos no corpo, tentando dançar a partir de suas assimetrias: **um TODO-GÉSTICO** se faz canal, ducto, interstício, meato, orifício e abertura a múltiplos planos-lahars em intervalada comutação ressoante-hifal-e-endofítica, impulsionando uma intimidade sombria e ociosa entre câmara e alburno irruptivo: dizem: quase cortagem solitária a desenhar intervalos levedados e rastos inacessíveis onde uma dançarina inidentifica-se e se entrelaça nos ascomas do inapropiável, desviando-se de uma coreografia heterotática, esboçando ininterruptamente o vazio já liquenizado, a hesitação dicariótica e o fracasso à vista do impossível: câmara-salto sem contornos e com fungos-ninho-de-pássaro internos a expressar uma desumanização entre histerias, vigílias, delírios, o inconcluso e o truncado a infinitizarem-se: uma câmara-dançando que anterioriza uma dança e exige transcendência, assombro e deriva: **dançar propágulos intervalados pela fome do limiar e pelos ritmos exodais envolvidos por uma gutação do impossível onde uma mão se liberta violentamente, se excede fora de qualquer resposta e se faz apotécio**: outros dizem

que há também: recomeços cénicos, géneses vocais, tempos sem movimento nas carnagens dançantes do corpo a rachar-se com o outrem de si-mesmo em resvalo incomunicável e emarginado: oralizar-verbalizar-dançar acessos da hidrofilia ao inacessível com palimpsestos primitivos e nómadas onde gritos insonoros inactuais embatem nas gramas de gato, desfiam palatos do mundo e vozes-gésticas com protuberâncias espessas e globosas fendidas por sons que escapam através de uma reminiscência cartográfica a ritualizar-se oralmente: câmara-salto de uma voz desvairada e quase muda a desaparecer diante de um desvio em fermentação e a compor planos-gésticos através de geometrias rítmicas envolvidas por lahars de latências fortuitas e acidentais a escapar ao espaço sistematizado e disposto: dizem: uma câmara-salto a brotar da sua laceração, religa-se sempre à rasgadura membranácea e constrói ininterruptamente um abismo-mucilaginoso com cutículas ocultas na radiação ionizante de um hospedeiro: outros ainda dizem: um corte interminável a anteceder indumentos lanceolados de uma dança e a extraviar-se na própria errância ensiforme, no gesto solitariamente sangrento e na sua duração encoberta pelo silêncio dentado do vazio: há coexistências babelescas, labirínticas e cubistas dançadas pela matéria líosa e turbulenta do corpo da dançarina a ondear na própria câmara-salto já-fendida de esguelha em torno de uma gemulação: **pensamentos imanentes aos gestos-visões e para lá dos saltos-câmaras se escoam e se entrelaçam com tricomas-câmaras-riemannianas a friccionar imagens das artes incorpóreas, do desconhecido vectorial e das ciências-acêntricas até à desconexão dançante das trajectórias gésticas de um tempo sem cronografia entre colossais células somáticas:** uma câmara-salto a extrair limbos fúngicos do gesto, ultrapassando-os por meio da solidão crenada e das crueldades que dizem ao acicularem-se dentro de uma fuga ígnea e ilimitada: **dizem: salto-câmara feito de rupturas caóticas e de falhas acentradas de um real que é já movimento imprevisível em si, é dança da devastação germinativa em si, é simultaneamente escora e abandono do respiro da morte, persistindo com o tempo escariforme fora da cronologia e carregado de ascóporos rebrilhantes: uma salto-câmara labiríntico dilata-se por dentro de reminiscências a insuflar gestos dançarinos à volta de espelhamentos em perambulação: resguardo e abrigo de uma câmara-salto a escavar suas origens, seus púleos, seus rastos anamórficos entre gestos-sectas que transbordam pelo exílio afora através de uma dança vinda de outra dança intraduzível: insectos, protozoários, vermes, nematoides, formigas e miriápodes a dançar latossolos enrubescidos e carminados:** uma dança-câmara fragmenta-se infinitamente por dentro da sua adulteração e ilegitimidade: uma dança-câmara a abandonar, enjeitar e subverter turgores e mesófilos da dança com sua bastardia húmica por vir, fazendo do liame vida-

morte uma acolhida do grito da dançarina a perfurar um idioma-em-câmara-estomático que se esculpe insanamente diante do suplício e da oblação de um testemunho do esbulho: dizem: dançar a intraduzível germinação do tempo com saltos-câmaras mergulhados na eternidade, no caos, nas misturações vesânicas, nas coalescências de sínteses vibráteis e nas velocidades simultâneas do lahar: uma dança-câmara a enlouquecer intempestivamente com seus próprios venábulo respiratórios, com suas forjaduras gísticas a cruzar traduções do traço-gístico onde o impróprio e o impertinente despontam já como enleios do risco autotrófico e da ecdise, sobrevivendo à volta de bandas celulósicas: dizem: **saltos parafrénicos a guardarem-se na própria abertura lúdica, dúbia, anfibológica, evasiva, obscura e impiedosa: outros dizem: saltos-câmaras em andamento transbordante a transmutar esporocarpos gísticos em imagens desumanizadoras e sediciosas que dançam dentro da insurgência do corpo, modulando-o através do silêncio do exílio, do sentido-jogo e do intraduzível de uma voz septada com dobras infinitas em suspensão:** saltos-câmaras-inconscientes irrompem do mundo intersticial, dos recomeços genéticos e fazem das desconformidades e das discrepâncias as suas mudanças intermitentes que religam delírios, riscos, histerias e lucidezes a uma voz arredada que se ondula e caotiza até à paramnésia de um arquivo: ao lado: outro arquivo de leveduras se abre à ab-reação e dança, expia-se contra talos, folhas, cascas e sementes de vegetais: por baixo, um endocarpo refulge diante de uma abelha-carpinteira: espírito já em transmutação larvar por dentro do acaso e de vibrações cerebrais a escutar uma fenda da visão que dança a sua paridura e a sua episiotomia: dizem: transmutação absoluta de gestos de um reduto, de um acaso e de um esquizo anisotrópico: distanciamento vibrátil é já a estranheza de uma fala silente a dançar-se pelo intervalo-lahar afora: câmaras-saltos a enlaçar biologies moleculares nas forças disruptivas e dançantes do eventual e do quase-aleatório a fermentar epidermes, apêndices e nácares: pulsões imagéticas se afectam omnivoramente com vestígios de outras imagens em meteorização extremada a divergir e atravessar obscurezas através de esporos do informe: salto-câmara-lahar é já matéria vibrátil imensurável, é travessia desconcentrada e em exaltação ecoante, é luminosidade dos entretempos a infinitizar-se na sombra infinita, é dança em falha-agárica por toda a parte, é imagem a espalhar-se antes do gesto-olhante, é o impensável a suplantar as lamelas da imaginação, é um dispositivo de xilemas puramente espirituais, é visão endospérmica enviesada, é velocidade estonteante e retardada por um desvio-gesto a recriar-se e a remontar-se entre rastos esfacelados de uma voz-impossível: aqui-agora: um náutilo resplandece nos corpúsculos polares: uma câmara-salto é já uma imagem lisa, pulsátil e indecifrável a capturar uma constelação imprevisível de outra imagem por meio

de alterações de crivos em colisão e ruptura: tremendo silêncio membranar a deslaçar enciclopédias de ascomicetos e a expelir dados fabulares e ilegíveis pelo espaço dentro: dizem: mapas tacteados pela pulsação nómada e indeterminável dos estilos de uma câmara-salto carregada de vespeiros: **câmara-lahar a revelar penumbras turbilhonares e ondulações do indiscernível com gestos-luzentes flabelados por cortes espélhicos a encarnar sentidos irrefreáveis da dança por meio de células filamentosas:** uma câmara-salto cercada por gárgulas umbilicadas a embater no colosso caleidoscópico e musical de um intervalo em dupla fertilização: dizem: encontro de corpos energéticos, de pistilos, de zooporos, de átomos abstractamente velozes e de vazios plásticos em crivação metamórfica: um gesto dançante do naufrago é ameaçador, arrojado e vai de câmara em câmara, de salto em salto, de adubagem em adubagem, de enargia em enargia e de voluta em voluta até à visão sismográfica do rasto, do insuportável e do ominoso e por vezes do opalescente: **um gesta-LAHAR a deslizar nas passagens de vozes únicas e incontroláveis onde uma dançarina se interregna e se sustenta através do grito de uma medusa a desfazer seu rosto, suas mechas, suas válvulas ostiolares com véus ofídicos:** dançar coexistências turgescerentes, entreteceduras e indeterminações das vozes-lahars que nunca se alcançam mas se brotam pelo avesso, atacando imagens com retalhos do real em torno de malhas de escaravelhos: dançar hiatos xamãs, camadas himenais, sublimes-matemáticos, bijuterias de um nó-caótico, espargimentos perceptivos, cepas de Bordeaux, silêncios sígnicos e cortes-sintomas com o riso intervalar de um salto-câmara presentificado pelos seus actos informes: vozes-cânticos emancipadas percorrem os pulmões sistólicos da dançarina que se tornam gestos do impossível, descentra-se na animalidade, atinge a esquizofrenia catatónica carregada de feixes luminosos e de imagens em dissolução quiasmática: por vezes, há um recomeço ontogenético diante de uma visão germinal, críptica e acidental: uma dançarina torna-se sombra de si-mesma e fora do sarcófago da língua com uma cabeça-de-imagens-sendo-já-imagem-da-resina-fóssil a esculpir-se dentro da própria existência-quase-imperceptível no cruzamento de cromatídios: ao lado: **uma carta de Diderot sobre surdos e mudos: um corpo-lahar expande-se tensionalmente por meio de um salto-gesto dilatado pleno de câmaras em plasmogamia a ampliar brechas dos cantos sem palavras com outras-lentes inomeáveis a captar-gerar signos epígeos e hipógenos através das múltiplas visões que fendem uma língua-saprófita:** dizem: o rigor suspenso na inocência do gesto de um salto-criptógrafo: há uma brecha sérica no salto-flutuante à volta de vozes musicais em emancipação voltaica: vozes simultâneas e em liça idiomática dentro de uma câmara-de-presas com juncos nos diafragmas a dobrar suas lentes compulsivas, obstinadas e parafrénicas, delirando saturadamente em torno do alhures: **um salto-câmara a descentrar-se nos**

melismas animalizantes invade uma estranheza suspensa no indiscernível, fissura-se, deforma-se nas coagulações inesgotáveis ao infiltrar-se na desmesura-sécia e no tempo crónico, inactualizando-se: dizem: um salto-câmara estiliza-se unicamente na impermanência expressiva onde forças gésticas da dançarina exigem outras durações inauditas, intuitivas, inapreensíveis e incapturáveis: outros dizem: inventar e criar com o delírio a entrecruzar o caos da câmara-salto ainda com algumas epistêmes e alguns vislumbres emaranhados por dilatações luminosas de um gesto inédito: uma câmara em cada gesto-salto, em cada refrão-vocalizado, em cada trajecto-géstico, a rasgar visões adimensionais e uma desapareição da palavra faz ver os foles-de-potlatch e o indescritível da animalidade termófila em dança: lentes-saltos a demudarem-se ao perambular, divagar e flunar no ponto de curva da obscuridade e na gravidade do instante de um cântico sem palavras que sobe pelos diafragmas da dançarina até aos cutelos de uma enfermaria: dizem: transcodificar gestos através de um arrasto de vazios habitados pelo inconsciente, pelo horror e pela deformação lávica: um coro avassalador em esgotamento nómada a expelir vogais constelares entre géneses espantosamente irruptivas: ao lado: um estábulo com pulsões incontrolláveis a prumo: uma dança-vocal com gestos gémicos, instrumentais e subversivos, flutua sobre dobras das ruínas do desconhecido e polimeriza-se até à opacidade de um esqueleto: dançar sons musicais da estranheza flutuadora com uma voz irrefreável que respira espiritualmente a sua crueldade radicular e absorve esquartejamentos da agonia onde escafandros refragem por dentro de despojos de um animal apodrecido: dizem: um lahar-estremecimento dentro do próprio desmanche em saturação phaneroscópica: uma correnteza de imagens plasmáticas no salto-olho da dançarina a levar seus gestos insurreccionais e anorgânicos até à aeração de uma fala que se ausculta e escuta o retorno de sons de palavras indecifráveis onde linhas do indecível se enovelam, refulgindo: **um olho-câmara a dançar uma refacção, uma vidência, o cristalino, mudanças incorpóreas e órbitas elípticas com traduções de vozes em crítica sintomática: um salto-câmara a perder-se de vista e a envolver-se com a matéria indefinida do múltiplo onde gestos pervagam vertiginosamente, criam tempo impensável diante do abismo, livrando o oculto e o desconhecido com artes chocalheiras:** um processo ocasional atravessa uma câmara-salto com repercussões anorgânicas e impactos desumanizadores por baixo de artefactos e bastões de ritmo: dizem: uma força suprema da existência-géstica a perder limites histericamente entre gramíneas e répteis: gestos involuntários assimilam visões e escutas a ritmizarem-se obsessivamente por meio de intermezzos do acósmico e de tempos imprevisíveis diante de cutículas serosas: um olho-géstico irrompe do salto-lahar com varas do impossível e

do inapresentável junto ao trágico insurgido e randômico já pleno de massas de ar e de talhas coronárias sobre a escassez e a estiagem avermelhada por uma trava de folhas dentro de um punho abrir-se ensanguentado: ver é dançar a própria mudança caótica e abíssica na imagem encantatória, inominável e impiedosa onde ritmos inacabados entrechocam-se e contagiam-se corpórea e incorporeamente, criando um lampejo sacrare-profano expressivo por dentro de uma fenda de dessecação: luzes metaplásticas irradiam nos lahars-gestos espiritualizados pela fala delirante que vem da matéria gestante em mistura espontânea, anorgânica e dadivosa onde a génese é cruelmente indeterminada: ver é dançar o caos ampliado através de imagens insanas a aparecer e a ecoar nas sinestésias gísticas plenas de frestas rítmicas e de erosões eólicas sobre áscuas abastadas: o salto é um efeito Kulechov a transportar acasos dos pastos por dentro de tremendos JOCALES onde espelhamentos dilaceram rostos com estepes do impensado em transmutação: uma língua tenta subir pela voz-câmara-visão-esquecida, tornando-se em caos sonoro a barlavento-sotavento, fendendo o corpo da dançarina com restos do desassossego semiárido: uma fala desumanizadora escava texturas das palavras entre cascalhos e tremendo cactus, transportando-as para dentro de outras palavras em vocalização sísmica e abíssica: um salto-câmara infiltra o imprevisível da desmesura na visão em desmanche a atritar linhas COSMATESCAS no extremo gístico que dança a inquietação-canina, assimilando alvoroços rítmicos atravessadores de matrizes maldições: uma câmara-salto dança, gera imagens etológicas e se inscreve na matéria já movente por meio da visão descentrada vinda do caos do Berimbau e de uma ameaça rigorosa do Maracá, que se gera a si-mesma, inesgotavelmente: um salto-de-uma-câmara-olhante se torna silêncio de uma escuta babelesca na incrustação maquínica, mergulha no atrito sonoro de vestígios, nas ruínas respiratórias, na subversão das charamelas dos arquivos, nas géneses rítmicas, nas alterações das velocidades e se faz nervura cinética súbita ao buscar o desmedido da dança-lahar com recomeços de um corpo religados a choques impetuosos de células-sintomas: dizem: delírios ampliadores das voragens e das crueldades vibráteis das lâminas: ao lado: reco-reco-de-casca-de-tartaruga: voz-corpo-salto-câmara a scandalizar-dançar geografias ao imergir nos pórfiros do caos com INTÁRSIAS cheias de ar expelido contra ressonâncias de um estoma já-vibrátil e de um fundo dilatado pela própria suspensão gística: uma câmara-salto escarifica uma visão moebiana com angulações de latências nervosas sobre gaitas-de-palhetas-livres e acordeões aliçercados por um braço em fractura: dizem: prismas de forças pélvicas, ósseas, viscerais, aórticas e laríngeas à volta de ritmicidades de sopros-respiros que os explode adentrados nas travessias de uma matéria violentamente dançada por manchas sonoras e insonoras das vozes-lahars: anéis, alianças, pulseiras, pingentes colares, tiaras, abotoaduras, brincos e

broches na efervescência das passagens de um corpo a abrir-se às posturas acidentais da heteronomia já-extremada por uma composição sinteticamente caótica: um salto-câmara cerebraliza o aformal com o ganzá de areia e de grãos de cereais acelera lentamente sobre trombetas de cuia, inverte-se e architecta capturas do impensável entre películas imagéticas ritmadas por energias hápticas a percorrer exórdios do infinito onde orifícios sonoros do saltério se tornam trapezoidais: **uma dançarina gestualiza o espaço do pasmo com ecos de texturas-porosas entre impulsos supremos de corpos-em-fricção-histórica: um entre-eterno-coronário-passa-excessivamente** dançado dentro das imagens deformadas por ossos-musaicais a assumir uma existência estranha e uma chuva orográfica: uma boquilha se intervala e simultaneamente cria hiatos na matéria, durando através de encontros inconscientes rés ao cabuletê: um salto-câmara-lahar dançado pelo desregramento e pelos **níveis descentrados** da natureza até ao grânulo vibrátil e à partícula da matéria inédita de um advento animalizante: um gesto-olho em dança labiríntica arremessa imagens por dentro de instantes duráveis e alucinantes a rebentar em si-mesmas: dizem: vareio-rítmico perfura pontos acentrados de uma visão a desdobrar-se ao perder formas do rosto junto aos sopros vindo dos buracos de um osso-animal: há imagens com flautas gregas a traduzir o obscuro-géstico entre atractores de imagens-outras que se rasgam na **ritmicidade exaltada**, recriando-se pelos canais rugosamente lisos do corpo em recomeço inesgotável: dançar palavras a ressurgir e desaparecendo no fundo genético e silencioso do avesso, do delírio, do esquecimento e das visões gásticas envolvidas pela improvisação de uma arquitrave ainda com sons de troncos ocos: um gesto-olho-fiandeiro imerge pela matéria artesanalmente, fluindo, ultrapassando cercas e fronteiras por meio de um estilização desumanizadora em metamorfose irrefreável diante de Caretos de Podence: um olho-salto-lahar na câmara-cartográfica costura instantes-kora que se diferem na **fabulação do impossível rés à prata esterlina** a desfazer pontos incomensuravelmente finitos com cordas friccionadas a cruzar e a inventar espaços inomeáveis: dizem: tonalidades a entrelaçarem-se no indiscernível escultor do corpo: **uma matéria desconhecida exige passadiço, trespassa uma câmara-olho, conquista expressões e lhe entrega uma visão histórica e táctil dançada devoradamente pelo corpo em errância-lahar com embutimentos abíssicos**: dizem: imergir no fundo do fundo da acosmicidade de uma atabaque e assimilar o inexplicável de uma câmara-olhante rasgada pelo inconsciente: por baixo: há consistências do falso rés ao phaneron-gótico-cristalino polidor de madrepérolas próximo a um saxofone e por vezes a uma harpa: um salto-olho architecta intervalos do excesso devolvidos ao imediato turbilhonar de uma dança que se transvaza e infinitiza por meio de gestos-puros a ondular nas relações vesânicas e ritmadas, rescindindo distâncias de uma pele intensiva e ab-rogando barreiras de uma obra-lahar sempre por

fazer junto ao risco de uma **PIETRA-DURA**: um salto-câmara absorve a germinação vibrátil de uma fala-géstica vicinal ao caos, é um istmo metabólico do pandeiro-neolítico, um embate de alvoroços dos trompetes, uma anastomose telescópica, por vezes, oscila estaticamente, ressoa na solidão oblíqua, **ora um olhar infindavelmente germinal** e uma dançarina remonta-se ao desviar alucinadamente o rosto-géstico com cortes-lahars e extremidades larvárias nos cânticos ao cimo de um alaúde a entalharem-se entre matrizes marmóreas: dizem: uma dançarina cheia de agogós enlouquece esboços de rostos, intervala-se com o imperceptível e o ínfimo mutante que atravessa sua génese já-veloz, vertiginosa, lenta, descentrada e cósmica: **um salto-câmara dança uma obscuridade no anómalo da luz e uma transparência mostra alguns flancos dentro da claridade a inactualizar-se intempestivamente fora do rosto e dentro de um rosto percorrido por anónimas nuances dos relâmpagos-lahars: dizem: uma visão-lahar está no corpo-dançante-sonoro-óptico, galga-se em si-mesma com assimetrias inconscientes, sendo revista quiasmicamente pelo salto-câmara a espiritualizar-se nos entrecos de tensores de linhas anorgânicas, flutuando por dentro da mutação cruel de um cristal: dizem: dismorfose contraente, lucidez cósmica, excesso originário e **desmesura vibrátil** junto da loucura e do delírio a sagrar-se na subversão do **SÍLFIO** que deglutiu o terrífico: intervalar lahars com turbulências de saltos-câmaras-imagens de uma tamareira-da-Judéia: engendrar e traçar tempos desconhecidos de uma **CATLÉIA** com religações estonteantemente ritmadas pelo esgotamento de um olho-pneumatóforo: dizem: um salto-câmara espelha espessuras da exageração em acto espiritual: um salto-lahar entre sons e signos crónicos de **JABORANDI** a movimentar geometrias da inconsciência e olhares-reminiscentes até ao vórtice do fascínio onde um hiato-câmara se avoluma oscilando através do acaso de um **JACARANDÁ-PAU-de-ROSAS**: uma visão-gérmica-acidental que já-está no salto-heterotópico e o demuda por todos os poros da dançarina com minúsculos arrastos entre poros, máculas, nódoas, laivos, cicatrizes, sardas e salpicos incontroláveis: dizem: embates sensoriais de um gesto sem rosto diante de **reologias**: um salto-câmara estremece grávido de acelgas-dos-infinitos, ressurgue no idioma da desapareição para se esgotar e ritmizar, suspende-se no estrangeiro rasgando formas numa convulsão geográfica, refaz catástrofes com recomeços obscuros e visões mescladas entre distâncias aspergidas adjacientemente pela musicalidade das anomalias: um salto-câmara captura silêncios e desaprumos ao criar espaços com fisgadas agramaticais içando espelhamentos insólitos por dentro de um olhar sanguissedento, mergulha nas esponjas dos auspícios com ressonâncias plásticas, alavanca respiros intempestivos e os metaboliza nos soportais da assombração, torna-se pasmo trágico e fabulador nas tensões**

mutantes inactuais, desmancha voragens com trajectos flutuantes de forças criadoras de um entre-dizer-acósmico: **um salto-câmara esculpe laçadas da insurreição de uma escuta inexpressável com angulações do impossível e do insondável, exprime o avesso misturado com o intraduzível da espessura de uma quase-voz, fricciona aberturas de uma ferida ainda com sentidos volúveis:** um salto-câmara sensorializa zonas indefinidas com o olhar da loucura e da indeterminação silenciosa a testemunhar o indizível com traços do exílio, reconquista gestos exodais por meio do acaso inumano entre imagens inexplicáveis cheias de sopros sisto-diaстólicos diante das ruínas: uma câmara-salto peleja ininterruptamente silêncios desmesurados com as dobras de si-mesma ao arquitectar mapas respiratórios por dentro de relâmpagos fazedores de acessos às drupas do impossível: uma câmara-salto se deriva com expressões ulceradas a perseguir volteduras de uma duração animal, aborvendo topologias espirituais que coalizam têmperas da crueldade: uma câmara-salto **coexiste em todos os gestos de uma duração desconhecida do vazio** e desaparece e renasce ao pronunciar tempo nos desígnios intangíveis dos sentidos: uma câmara-salto embala a possível travessia da morte com o silêncio inédito que antecede o imemorial e o insensível, coagula e fricciona uma visão com gestos babélicos e mudanças inconscientes, moleculariza-se por meio do abandono e do impossível dentro da pulsação da matéria diante de uma ferida incisa e contusa: uma câmara-salto torna-se em corrente de sombras espontâneas fazendo o tempo despontar sesgo na velocidade do impensável e nos pigmentos de terra e nalguns polígonos em congruência: uma câmara-salto irradia nas sonoridades imprevisíveis e nas fragmentações incorpóreas, ecoa nas batidas movediças dos sentidos, golpeia o encorpamento poroso e intervalar da dança por dentro com sopros aguçados de uma língua oculta, aproximando devaneios contra as raias extremas das suas de-composições: uma câmara-salto resvala no encouraçado e na tesselação com metamorfoses levantadas pelo espaço, cai e falha fulgurando na intermitência de um chamamento vitralizado, interroga o próprio olho com o intangível andador de anatomias delirantes e impulsivas: uma câmara-salto pervaga de um tempo crónico para um tempo sublunar auscultando intervalos epifânicos, vaza hiatos de vozes com errâncias sígnicas, ventila a **arte-musiva** com a ressurreição das salmouras, ressexualiza-se no mangue rítmico dos entretempos do aformal, desregra-se com jorros de linfa, é intrusiva, nunca finaliza e retorna sempre irreconhecível: uma câmara-salto mescla palavras e viveiros de línguas com uma animalidade em desvio a expelir torcimentos de dicionários pré-vocais por meio do extremo mais tumultuoso dos batimentos das tecelagens de sangue: por baixo: gritos silenciosos a despedaçar órgãos junto de afrescos e de painéis em evisceração: dizem: lapsos de uma memória-dançante perfuram palavras no interior oblíquo da turbulência de

uma língua escarificada por respiros párias: brotam saltos-vozes-gestos entre bexigas natatórias, brânquias, sons em derivação e carregados de volteaduras vesânicas sobre possíveis linhas laterais dos opérculos: outros dizem: ondular nas sonoridades inomeáveis e violentar uma língua trapaçando a LIBITINA com um respiro do náufrago a extrair eternidade ao impossível: uma câmara-salto está no entre ininterrupto de um dizente silencioso e de uma visão fendida e dilatada a extrair imagens atômicas ao lahar e a libertar o caos, dançando o imperceptível: uma câmara-salto vibra em todas as angulações do corpo da dançarina, fazendo ver gestos movediços, modulações lacunares e movimentos emulsivos, transcendendo-se defronte a alguns sangramentos da pele: uma dança molecular, plásmica, tátil, ondulatória, impetuosa, psicotrópica, xamânica, histérica, delirante, vitralista e caótica desfaz delineamentos, perímetros, bordas, traçados, silhuetas, circuitos e deforma fulcros, sustentáculos, alicerces e arcabouços contra manchas de hipóstases: dizem: uma visão genética e desumanizadora arquitecta saltos matéricos sobre veias femorais: há um lahar-sensível e autotroficamente misterioso entre o inesperado e a errância levantadora de cílios, de hematomas, de equimoses e de nervos ópticos: há uma infiltração de ar no ponto-cego vibrátil entre espaços emaranhados pelas travessias inomináveis onde por vezes despontam dispersões larvares: dizem: afastamentos instáveis abrem o *sui generis* e o sem-par à razão da loucura e uma câmara embate violentamente contra espelhamentos de fermentações butínicas: uma câmara-salto mergulhada no imperceptível alvoraçado e com impulsos eléctricos do olho-aracnídeo a cartografar restos de um clarão onde cavidades de uma língua faz da carnadura-géstica um escárnio e um engaçupo: dizem: omatídeos pixelados entre imagens desabaladamente plásticas e interpenetradas por células foto-receptoras: dançar-transmutar-traduzir-transcodificar pregas, refolhos e plissês da pele do humor-vítreo-cristalino-anfíbio-e-ofídico onde um espírito muda incessantemente, compondo tempo acósmico impregnado por dicionários insaciáveis do esgotamento e da solidão: uma câmara-salto esgaiva milhares de lentes em cada olho fabulador e em deformação, extraíndo texturas sensoriais do acaso com estiletos dançantes do caos: uma câmara-dança na esporulação turbilhonar e na inocência cruel plena de visos-alvoroados: uma câmara-salto sente do seu interior um olho da inquietação que a vê tresvariada através de esboços ricocheteados do corpo a dançar uma vidência imergida e revirada no infinito dos murmúrios moleculares: um salto-lahar mistura presenças imediatas e demuda cores na desertificação géstica do inesgotável onde vibra o tempo dos espelhos dilacerados e uma plicatura do pensamento a incitar o inconsciente contra qualquer tentativa de autólise: um salto-câmara na matéria-correnteza da orfandade, na matéria-em-escoadura e na matéria-fluência a pulsar, a encaracolar, a frisar, a serpentear expressivamente, a flutuar no ínfima

visiva, nos embates das fissuras, na ressonância do caos e na cinerária atmosfera de uma fala do silêncio: brotam da matéria visões-ondulatórias até atingir o aturdimento géstico da dançarina: um salto-câmara-designer do informe e de uma reminiscência inconsciente por dentro do resplendor de uma dança que se transvaza por meio de formas nevrálgicas por acontecer rés à decifração de predições rítmicas e de augúrios axadrezados: dizem: dançar uma hapticidade da desrazão e do desvario por meio do vazio a estilizar uma errância cruel de um entre deformado pelo seu próprio desvio heteronímico: dizem: surgidouro do indefinível em cada sùmula dos vestígios a transbordar e em cada sintoma penetrado no exórdio mutante da insânia: um salto-câmara refilma-se profanamente com películas intervalares, bifurcadas, contraentes e cristalinas: **um rosto é já mão-pé-escápula-pélvis de um baralho-gótico: um lahar resplandece com expressões inéditas e excelsas junto a colecionadores rupestres com manchas aporéticas na cabeça:** dizem: micromovimentos batem, ofegam, arfam, impulsionam, pulam, arquejam, impelem, latejam entre e dentro de corpos hospedeiros da alucinação: uma câmara-salto a filtrar escoaduras turbulentas das quedas, tubos-capilares do desvairo caleidoscópico em condução térmica entre limiares dos acasos e decantações das cesuras do desatino: dançar fracturas do êxtase transportando decantações e transferências de calor à volta de jogos arrebatados e de enlevos em franja convectiva: um salto-câmara-plurívoco e abstracto desmantela um rosto por meio de colapsos de bolhas gísticas-inactuais a dançar uma translucidez, uma intermitência e um raio-lahar que anterioriza o canal aberto da visão, fazendo despontar voltagens gradientes, matizes vibráteis, consciências refractivas e transbordantes sobre fluidos viscosos e cordas pulsáteis: por vezes: uma câmara-salto torna-se numa ludicidade sonora e purgatorial, escolhe plasticidades barrocas, desdobra, espelha metamorfoses, justapõe sentidos com fluxos oscilantes, fabula e dilata desmesuradamente um rosto zurzido, compressível, liso, aspado e áspero onde uma dança prismática irrompe do fundo espiritual puro, cruel, pagueado, intensivo e libertador, demorando-se fractalmente pelo olho-albatroz já em impulsão: um salto-lahar dentro do excesso da advecção e do ínfero enviesado da **DOR sempre inesquecível** a rasgar microestruturas, compondo uma multidão de membros em dilatação térmica e estremecimento até à visiva táctil com desvios tensoactivos, fragmentados e fora de possíveis trajectórias: uma câmara-salto prolonga uma exaltação do olho nos microfluidos da tremura dos bestiários, nos abalos sombrios e na vibração sanguissedenta a fender e a dançar uma trágica animalidade: por vezes, uma **CÂMARA-SALTO** é uma flutuação difusiva, é um declínio uliginoso ascender, é uma ruína informe no calor latente, é uma brotação lodacenta na força do empuxo, é uma mistura miasmática a ventilar-se forçadamente: dançar uma obcecação

desumanizadora com densidades induzidas pela disseminação rara de ar: dançar a aceleração e gravidade de uma doença compulsiva com terríficas salinidades na corrente sanguínea: dizem: dançar uma circulação termohaliana a montante das crueldades instintivas que se caotizam devoradamente entre sintomas, amuletos, remontagens, conjuros, raivas e crimes em recomeço elástico e constrangente: por vezes: um salto-câmara filtra biologicamente cristas de elevação na contigência coagulante de um olhar sobre estendais de areias planas e húmidas: dizem: rede de forjas de materiais contínuos entre zonas de estreitamento e cavilações: uma câmara-salto plena de jactos do inapreensível em contracção onde escamas do tempo jugular e do vazio surfactante enovelam plasticidades que cegamente fazem ver bacias hieroglíficas adjacentes ao vazamento dos gestos: dizem: um jogo infinito da visão inomeável a permutar prestígios larvares sobre alagamentos cisalhantes da mudez: outras vezes: um salto-câmara dança aionicamente geometrias babelescas, pântanos, constelações, labirintos visuais, flabelos de palavras por significar, fragmentos caóticos, esbarros híbridos e filigranas sismonásticas: outros dizem: **um diagnóstico ontológico, uma exérese, uma ressecação e uma síntese-movente de sintomas cheios de colunas líquidas:** continuam-a-dizer: salto-arqueológico no vitral-do-agora a penetrar entretons dos gestos-câmaras da dançarina em movimento heurístico e insituável: salto-tornadízio e volúvel entrelaça enchentes de lascívias que ecoam nas tensões dos venábulo da visão onde feixes de luzes quase musculares expandem espirais convulsivas e sons onomatopaicos entre danças da errância invasora de desterrós e gestos-jogadores de mapas em transmutação oblíqua: há eternidades subtis a roçar uma câmara-insaciável, há lâmpadas imemoriais na sucção de anagramas, há um dorso descendo e subindo com sangue despedaçado pelos uivos no acre-pé dos bacanaís, há minúsculos reservatórios ressequidos pelas febres dos detalhes dos coleccionadores de garrotes, há dedos escoados por ciências heteróclitas à volta da plenitude dos vestígios, há mutações da desapareição-géstica a anavalhar bátegas das insónias, há carnes fistuladas pelos hiatos dos caudais das profecias sobre o rigor meteriorizado das ruínas, há sombras súbitas nas sequelas das cores em esgotamento, há vertigens a sulcar texturas dos poríferos ainda com algumas bússolas das cicatrizes por decifrar, há lumes viscosos e grudentos na lavra da vacilação dos saltos, há cacimbas com lapsos e inversos musgosos onde o engasgo e apneia da gramática exige exílio, ofício e laceração: há também escombros de presságios na deflagração de uma lâmina que faz da pureza e do asseio a sua pele peçonhenta, infame e acrimoniosa: há câmaras-saltos sobre câmaras-de-ferrolhos-ferinos entre câmaras comedoras de falanges com mantras psicodélicos, cavalos vermelhos de Bataille, ondas emergentes, heresias sagradas, escutas indeterminadas e preces sincréticas: salto-câmara

da adivinhação e do assombro mágico-místico por dentro da dança do inacabado e dos nexos fervilhantes do acaso: uma câmara-salto a descodificar ininterruptamente riscos coloidais, nebulosas atômicas, sínteses intuitivas, cesuras híbridas, traços caligráficos e palavras-sons em ameaça concrescente: uma gênese dançada pela autofagia da sua descendência: uma consistência silenciosa que não se teme e se transmuta em desapareição com o **DOM** do indizível de um lanho à volta de vozes duplas e diante de um traço de percevejos de inventários que nunca se visibilizam completamente ao exercitar as tēmporas do impossível através de emergências de uma eternidade: uma câmara-salto jorra sangue anárquico e escultor de guardiões de catástrofes na visão onde um instante do silêncio é uma quase-forma, uma quase-moldura-de-vigílias, uma quase-silhueta-venenosa a ocar lantejoulas com preces erosivas: dizem: é o alógico entre e antes de imagens alvoraçadas do improvável de um apanhador de cordas de poeira: dizem: **uma câmara-salto a vergar e a desmanchar-se na geografia estranha, fugidixa e oculta diante de mapeamentos indefinidos**: outros dizem: dançar o impensável fendido pelo quase-dizer de uma visão escutada no indiscernível onde os sentidos se fissuram, criando aberturas para uma hesitação musical e cruel: há um encontro metabólico trespassado por fugas turbilhonares dos gestos que se invaginam etologicamente perante uma infinitização rítmica do espanto a esbulhar-se com um enxugamento do inexistente em nomeação delirante: **saltos-câmaras raiados por retornos oblíquos, profusas exuberâncias e coexistências abismadas de órbita em órbita onde falhas móveis recomeçam com tremores anómalos e relances porosamente rítmicos a expressar alogias arbusculares**: alguns dizem: salto-câmara improvisa espectros com rupturas refractárias a anteriorizar falhanços suberosos e emancipações ilegíveis contíguas aos gestos inconscientes e às agudezas plenas de umbelas inesgotáveis: aqui-agora: uma dança revela seus gestos esquivos e ensarilhados nas películas da desumanização: uma câmara-salto epidérmica dilata-se na etologia com instantes das paramnésias a fundirem-se germinalmente através de ressonâncias dos espiráculos únicos das sensações arteriosas: dizem: dançar o dizer do inexpressável com capturas psicodélicas, roubos góticos e subducções topológicas a alucinar terrivelmente os arcontes dentro das vastezas dos arquivos: por vezes, fendas do imprevisível arrastam mudanças geográficas, meninges, fragmentos babélicos e lacunas gísticas a transbordar nos crivos extasiados das ruínas: outras vezes: rasuras e nébulas se atritam com tendências acentradas a vibrar no desconhecido do terror onde o sentido é rachado pela dilaceração parafrénica das peristalses: ainda dizem: jogos esquivos das proteiformes embatem nos prélios do impensável e absorvem hemorragias das subtilezas com sínteses temporais da incompleição: há visões da estranheza antes das imagens-

gésticas a extraviar passagens rútilas através de uma debandada de intermitências: uma câmara-salto religa-se à fractura críptica e a indecifra entre fracassos fora das mensurações a testemunhar rastros do extemporâneo com uma matéria inominável em carstificação: uma câmara-salto nos folhetos subcorticais de uma voz-géstica a suspender-se no inacessível para atingir irrupções caóticas de uma ferida à volta de escombros concretos de uma enxertadura de levezas: dizem: uma dor torcida a vibrar no seu esgotamento interminável: uma câmara-salto de uma energia sorvedoura de si-mesma e com lances transmutantes e heteronímicos junto ao inacabável escarificado pela própria escoadura vectorial por dentro de uma excripta perante a repulsa, o asco e a ojeriza: **a catatonia medular ressalta na vizinhança do trágico e cria fluxos irrefreáveis de térmitas onde traçaduras gésticas se digladiam, acumulando fascínios nas vernações de uma palavra irresoluta e descontínua a anteceder um acto de fala defronte às sublevações do inalcançável:** há musicalidades nas distâncias de uma câmara-salto acumuladas por um espírito metamórfico da crueldade e da deformação: dizem: arquitecturas espélicas de uma estranheza excessiva a histerizar ritmadamente uma génese de enlances devastadores em direcção ao abandono inaudível: uma espessidão dos gestos atinge o embate voltaico e ofídico do olhar: uma câmara-salto a tentar apreender o resto do infinito da luz com uma falha ectópica e indecível: uma câmara-salto dança-se nomadicamente, criva-se com expressões sombrias, atinge o clarão consistente da matéria e volta-se para o estoma apossemático: uma dança gera dança com fraccionamentos espirituais arrebatados contra o próprio reboco expiatório: aqui-agora: **uma dançarina liberta-se do aturdimento, intemperiza-se, regermina-se, ARBUSCULA-SE por meio do delírio cristalino e se impregna nas superfícies de aborção de uma desmesura que a faz desaparecer, atingindo o respiro nevrálgico da estranheza micorrizante: dizem: restolho de uma volúpia cruel a ocar-se e a goivar-se com zigósporos rutilantes: outros dizem: uma assimetria na passagem de sùmulas de rastros fractais: ressoam torceduras de rostos e divergências gésticas em fulguração entre eventos desumanizadores e danças de instantes desconhecidos: também dizem: paramnésias a vazar reologias exaltadas por dentro de acasos e do entre mais íntimo em transdução sanguínea: saltos câmaras com columelas a aspirar hifas cenocíticas marrom-amareladas: aqui-agora: saltos-câmaras esculpem-se nos esporângios e na carniça das palavras com o ritmo episiotómico do pensamento: um DOM do abrir-se ao dar-se como desmesura elipsoidal, plasmogamia, preensão silenciosa e **destroços constelares** à volta de martellina e tagliolo: uma **dança-RHIZOPUS**.** Uma CÂMARA-salto dança estrondos das caldeiras, alertas-laranja-avermelhadas entre serpeios de choque sonoramente expansivos e plasmas de luz: por

baixo: minúsculos trovões propagam-se com camadas de ar em rebentação refractiva: ao cimo: silvos e assobios descargam sobre sopros de faiança a circundar sussurros de minúsculas pariduras: múltiplos ecos e murmúrios soam nas rezingas, nos gorgolejos, nas pressões das chiadeiras a colidir com leis estranhas dos rugidos, das zoadas e dos estouros secos, impetuosos e plenos de roçaduras súbitas sobre uma percussão de metais e de lenhas ainda com ondas corrosivas de humidade: ao lado: peles em aspereza, pedras com fendas dieléctricas e cerâmicas condutoras de vozes animalizantes, de ociosos, de errantes e de vadios ao redor de garatujas de exclamações, de úlceras em desbridamento e de escárnios espectrais: há gemidos dissipados, pontos de contacto de vaias, anacusias temporárias, calores dos berros, membranas das algazarras, decalagens de soluços e sintetizadores de infrassons no ouvido de um animal a detectar um chirrio e alguns sons sibilantes por meio de gradientes térmicos: uma CÂMARA-SALTO dança a hibridez do ar sonoro junto aos ganchos teciduais do solo, às águas frias e às detonações de coriscos em acentuada cintilação e cheios de químicos voláteis, por vezes, áreas diplofónicas geram plasmas radiantes contra pulsares azulíneos-violáceos-purpurescentes e sobre processos de temperaturas abaixo e por dentro de gestos esponjosos da dançarina: há uma luminosidade com volutas de microssegundos a abrir cavidades ressonantes e densas: há emissões de minúsculas cascatas aceleradas entre gestos absorvidos por colisão atmosférica: uma dançarina se torna intranuvem de um relâmpago em torno de um umbráculo, por vezes, uma energia imprevista de eventos eruptivos revela gigantescos genes segurando um punhado de faíscas como lôstregos entre calhas: há uma haste metálica nos depósitos compostos e restos de dedos sangram nos aparelhos eletrónicos mais sensíveis: uma CÂMARA-salto, um osciloscópio-salto uma fotografia-salto e uma espectroscopia-salto absorvem a disseminação géstica da dançarina com um cúmulo-nimbo na cabeça em convecção: dizem: dançar o excesso tumultuoso e induzir delirantemente bordas de ventos e correntes de ar em direção oposta às mãos-pés já plenas de partículas nebulosas com alguns sinais de graupel a quebrar na frincha de um choque géstico que se estende para baixo e para todos os lados parafrénicos: dizem: todos os pontos em ramificação dilatada por ductos precursores de cortagens de calor, remanescendo segmentos de alvoroços herbáceos em direção aos sentidos aleatórios: uma CÂMARA-salto em solo arenoso e com partículas de uma rota geométrica em rápida dissipação: curtíssimos intervalos dos gestos detectam um campo eletromagnético de uma possível tempestade onde inserções de frisagens acústicas e linhas de transmissão se vaporizam por meio de ocorrências de baques perante picos de sintomas mentais e cegueiras fugidias: dizem: uma CÂMARA-salto em vazadura eletroluminescente: um nimbo globuloso, esférico rútilo-alabastrino-

azuláceo e de malva como uma oxidação flutuante dos mangues: dizem: um fogo de faísca bífido: outros dizem: uma fuselagem a inflar bússolas e desarvorando-as entre tubulações de metal, latejos nodulares, balanços de trilhos, rumores valvulados, uivadores contra polias vibráteis e caldeireiros: uma CÂMARA-salto em torno do intonarumori de Luigi Russolo a absorver sons de violas de roda em áreas sob tensão de bordas unidas e fechadas simultaneamente entre rufos trançados, instrumentos de corda de vísceras, pequenas incisões, vínculos dérmicos, alavancas gradativas, reparos com pontas de saída, arcos em cicatrização, resinas a everter extremos, aros comprimidos, diafragmas percussionistas, manivelas dançantes de tons, semitons e microtons: no alto alguém diz: andarilhos com nódulos palpáveis e restos de comida entre absorções rápidas das tecelãs: há mãos pronadas dos carcereiros a espelhar suturas percutâneas e luzidias de quem cata intempéries: há fibroses dos obstetras, desbridamento dos anatomistas, vendedores de porta em porta e britadeiras ininterruptas a lacerar cabeças e articulações arriadas e defessas: uma CÂMARA-salto errante, ociosa, vagando sobre cauterizações de soleiras, contra dedos nos orifícios dos esgotos, quase-alinhada na eversão das raivas: uma CÂMARA-SALTO fende nós duplos das vinganças, assimila cheiros metálicos e centros de lacerações com excertos de entrada e evasivos retirados por agulhas em compressão inflável: uma CÂMARA-salto a campear, a abscindir vasos sanguíneos e com pinças de ponta fina perfura pragas sintetizadoras, respinga dores ciciadas e acopla carnagens fugazes carregadas de liosas e vestígios de intársias: uma trilha sonora das enfermarias em putrescência, por vezes, uma música de fossa brota trazendo gemidos dos depósitos das apostasias: alguns hinos irrompem fenestrados por bloqueios nervosos em risco de sangramento: há ainda feridas com fístulas irrigadas e em fricção por coalhos isquémicos: despontam batidas de martelos à volta de tecidos necrosados em remoção e junto à escória da serralharia com secreções puxadas ao longo da plaina a fechar-se em camadas tendíneas: de uma espiral radiofônica exsurgem sibiladores com pele solta e côncava e jorram gorgojeios com alças estreitas: há sons de gorgojos contra hachuras cruzadas que vazam embates rítmicos e inarmônicos em torno de esforços de capilares distais: uma dançarina mergulha com a junção proximal dos carpos nos arquivos de sinfonias industriais, levanta tessituras de crepitadores, uiva com lapsos remanescentes dos gestos, se restitui em arco brada, estrandeia, retumba, brama, freme, esbraveja, crepita, zumba, sibila, zune na amarração dos espaçamentos e com osciladores e antenas metalizadas de um theremin se torna glissando em salto-onomatopaico: dançar com cliques curvos e com músculos antagônicos documentários vasculares e incisões finais das cercaduras já esburacadas por curetas delirantes: dizem: por meio de cortes abruptos uma **câmara-dançarina** penetra na tesselação dos traumas,

suga pequenos volumes de ar e expande vértices dos retalhos de um ápice entre vozes atordoadas, alarmes de vapor, sinalizadores de risos e badaladas mecânicas cheias de suor de costureiras e de anestesiastas a abrir passagens às sopranos noturnas com relógios filtrados pela tecnologia digital: alguém diz: acordes respiratórios suspensos no improvisado das operetas: outros dizem: curativos oclusivos a rebrilhar nos hemostáticos: outras vezes, advêm fragmentos estirados pelas polifonias de tesouras de suturas entre sedações e pinças a descolar minúsculas gangrenas de uma aresta-géstica: uma CÂMARA-salto desdobra e intervala visões tateadas por guindastes cometários e por colagens de tremores taquigráficos ao redor de fórceps e de torniquetes ainda com alguns pegadores de corda de pular: entoar movimentos dos atiradores ofegantes diante de vozes blindadas pelas engrenagens dos dentes contra um grito: ao lado: locomotivas escorcham-se cheias de fluidos centrífugos e de extremidades curvilíneas: um fonógrafo expele sons dos guinchos das embarcações exiladas e com atritos espelhados das embreagens suga lentamente lâminas viscosas de um arrasto lenhador: dançar gestos de um maestro arqueado em regência histórica e peristáltica por detrás de uma coluna jônica: um coral de cegos com polegares e indicadores unidos se abre aos grampos subcutilares das catatonias, trança fios das herbolárias e se impregna na manopla dos mudos com folhas de acanto, tornando-se deglutição de barítonos e de contraltos escutados pelas senhoras da barbearia cheias de bandejas com gelo para erisipelas, algumas escamações, eristramas, restos de folículos e exíguas bolsas de pus, ao lado, golpeaduras confluentes dos pássaros como hastes em profusão esbarram nas fibroses das fâscias palmares dos soldados que através de seus nódulos nos dedos ganchosos escoram ozoceritas da agudeza a rufar contra as próprias cabeças: uma CÂMARA-SALTO em levitação magnética espelha ferro candente nas marchetarias revelando a acribia dos detalhes de quem olha para dentro de um epistódomo com sobejos das bordas de um cesto: dizem: monstruosa guante a resplandecer arrimada num balaústre em decomposição: uma dançarina drapeja e esvoaça acima do solo onde uma candeia é escovada pelos anzóis das arapucas espelhadas entre ruínas dos pronaus: **dançar laços das cornijas, fugas das estrias, fracturas dos frisos, rasgos dos espaldares e montículos de peristilos com colossais guirlandas a embater nos escárnios da dextera, nas peles de cabra de ahouch, na guedra com mãos cheias de joias e de bivalves itãs-tambás, na batida de pés-schikatt e na semba-umbigada entre percussões das palmas de gnawa: ao fundo sem fundo um PALO-Seguiriyas-Soleá retumba, ecoa assombrosamente: dançar uma atmosfera crostosa, o oxigênio, uma aragem em desbordamento, um sopro e um espaço embutido no espaço: dançar um respiradouro instantâneo, por perto, bocas e mãos com hirtos e concisos furúnculos a catar lixo: dores de cabeça em salvas:**

outra dor facial vai e volta cronicamente: uma CÂMARA estaca-se no uivo mais silencioso da dançarina e uma mão em tremor febricitante e sem qualquer reserva e escapatória desvia-se labirinticamente até ao esgotamento, amputa-se com a bÍlis dos deuses alucinados e arremessa uma excripta contra tÊmperas do abandono: uma mão-fotograma e uma CÂMARA a crepitarem nos clarões entre testemunhos ulcerativos das palavras onde o cadáver da excripta ainda mostra minúsculos hiatos da carnagem: talvez seja uma abstinência cruel da visão diante do flagelo e do sofrimento.

*Capítulo de abertura do segundo volume da Obra Poética. Arcoboleta. Uma dança. V.N. Famalicão: Edições Húmus, 2025 (publicação em maio).

